

A CRÍTICA POLÍTICA NO JORNALISMO POPULAR¹

POLITICAL CRITICISM IN POPULAR JOURNALISM:

Rodrigo Daniel Levoti Portari ²

Resumo: A presente proposta parte de uma análise das capas do jornal *Extra*, publicado no Rio de Janeiro, durante o período da Pandemia da COVID-19 no Brasil, em especial, no ano de 2020. A chegada do novo vírus ao país e a emergência em saúde refletem-se num deslocamento da cobertura esperada da publicação que se enquadra na categoria de jornalismo popular. Partindo dessa observação, identificamos que em especial nos primeiros meses da chegada do Sars-Cov-2 no Brasil, o *Extra* deixa de priorizar a capacidade de entretenimento das notícias para centrar-se em críticas políticas em razão da condução do combate e controle a propagação do vírus no Brasil. A constatação empírica revela-nos que a publicação adota uma cobertura com viés político mais consistente, demonstrando que as ações do então presidente Jair Bolsonaro refletiam de forma negativa em relação às medidas necessárias para conter o vírus no país. Para isso partimos da coleta das edições publicadas entre março e dezembro de 2020 e, em seguida, uma análise de conteúdo nos levou a coletar quais as capas tratavam do assunto da pandemia para fins de análises. A partir daí passa-se a analisar as primeiras páginas de forma sincrética, levando em consideração textos, cores e imagens, para identificar como jornalismo popular se portou naquele momento.

Palavras-Chave: Crítica Política. Capas de jornal. Pandemia.

Abstract: This proposal is based on an analysis of the covers of the newspaper *Extra*, published in Rio de Janeiro, during the period of the COVID-19 Pandemic in Brazil, in particular, in the year 2020. The arrival of the new virus in the country and the emergency in health are reflected in a displacement of the expected coverage of the publication that fits into the category of popular journalism. Based on this observation, we identified that, especially in the first months of the arrival of Sars-Cov-2 in Brazil, *Extra* stopped prioritizing the entertainment capacity of the news to focus on political criticism due to the conduct of the fight and control of the spread of the virus in Brazil. The empirical finding reveals that the publication adopts a coverage with a more consistent political bias, demonstrating that the actions of then-president Jair Bolsonaro reflected negatively in relation to the measures necessary to contain the virus in the country. For this, we started by collecting the editions published between March and December 2020 and then a content

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político da 10ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10ª COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

² Professor do PPGCOM-UFMT; Professor da UEMG – Unidade de Frutal. Doutor em Comunicação. E-Mail: rodrigo.portari@uemg.br.

analysis led us to collect which covers dealt with the subject of the pandemic for analysis purposes. From there, the first pages are syncretically analyzed, taking into account texts, colors and images, to identify how popular journalism behaved at that time..

Keywords: *Political Criticism. Newspaper covers. Pandemic.*

1. Introdução

O Brasil viveu uma escalada de mortes pela COVID entre janeiro e outubro de 2021, quando o número saltou de 100 mil para 600 mil mortos em razão da doença. O jornalismo, como esperado, pontuou o ritmo das mortes em marcos específicos a partir do momento em que os recordes de mortos eram rompidos. Com isso, inseriu no cotidiano dos leitores um assunto considerado incômodo: a morte.

Considerado de viés negativo, ela está presente nas capas por vários motivos, mas, na pandemia, tornou-se pauta diária. Alguns marcos temporais tiveram mais atenção do jornalismo, especialmente os mais impactantes, na casa das centenas de milhares, forçando leitores a uma relação direta com o a morte e o morrer.

Manchetes de capa fazem o leitor confrontar o assunto e mesmo os internautas, que optam pela leitura on-line desses conteúdos, não ficam imunes: presentes em redes sociais e websites, as capas são reproduzidas, resultando em distintas formas de recepção.

No entanto, ao mesmo passo em que pontuava o ritmo crescente das mortes, outras questões começaram a ser suscitadas, em especial, a capacidade do governo brasileiro em lidar com o avanço da pandemia. Some-se isso às diversas falas e declarações em entrevistas ou em eventos públicos em que o ex-presidente Jair Bolsonaro questionava a existência da pandemia, classificando-a como uma “gripezinha” e se opondo de forma veemente a medidas de restrição sanitária, como distanciamento social, uso de máscaras, fechamento de comércios e, por último, questionando a eficácia das vacinas.

Nesse quadro, a proposta traz à reflexão a representação o papel assumido pelo jornalismo popular no período de pandemia da COVID-19 no Brasil. A chegada do vírus Sars-Cov-2 no Brasil e os consequentes desdobramentos na população –

incluindo número de infecções que aumentou exponencialmente desde a confirmação do primeiro caso – e o número de mortos, levou grande parte da imprensa brasileira a assumir posicionamentos em suas capas.

Dentre esses segmentos, a imprensa popular também não se calou diante da escalada de casos e mortes no país, associado a discursos negacionistas que vieram de autoridades políticas federais.

E é a partir dessa constatação empírica que se desdobra a presente proposta: como o jornalismo popular – para quem a discussão política é secundária em termos de valores-notícias – passa a assumir um discurso político em suas primeiras páginas no período da Pandemia de COVID-19? Quais as posições assumidas nesse contexto? E quais as implicações desse deslocamento da imprensa popular que deixa seu lugar de discurso – associado prioritariamente à capacidade de entretenimento (AMARAL, 2006) – para tratar de assuntos como política e a morte?

Ao longo do período de pandemia, várias foram as primeiras páginas dedicadas a assuntos relacionados ao avanço da doença no Brasil mesmo no jornalismo popular, com uma cobertura que assume o papel de crítica política às ações adotadas pelo governo federal. Essa constatação se dá principalmente ao longo do ano de 2020, com o aumento do número de mortos e a instabilidade no comando do Ministério da Saúde, associada a decisões políticas do ex-presidente Jair Bolsonaro avessas às orientações da ciência.

Um dos jornais populares que adotou esse deslocamento foi o Extra, do Rio de Janeiro. Pertencente ao grupo Globo, por diversas vezes a publicação se valeu da sua flexibilidade de vocabulário e gráfica para levar a crítica a seus leitores, num movimento assumido pelo impresso que sai da fórmula de sucesso já adotada desde a imprensa sensacionalista: morte, sexo e futebol.

Partimos de uma análise de capas publicadas entre os meses de março e dezembro de 2020 para compreender quais e como se deu esse deslocamento por parte dessa publicação. Em nossas análises recorreremos a diversos autores que exploram desde a concepção do design e cores ao discurso midiático, como COLLARO (2007), CHARAUDEAU (2012), GUIMARÃES (2003).

Considerando que o jornalismo é parte integrante do tecido social, está inserido na sociedade e “congrega os múltiplos dispositivos através dos quais a sociedade produz e faz circular suas informações e representações” (FRANÇA, 2012, p.11-12), lado a lado, as capas selecionadas criam uma sequência narrativa que buscam não só informar os leitores, mas tece-se uma possível busca por questionar os responsáveis pelas mortes. Mesmo separadas por lapsos temporais, acionam a memória de forma cíclica tão logo os números são atualizados.

CERTEAU (1998) diz que a forma de descrição do cotidiano interfere na maneira de ser e como cada um irá atuar no mundo. As capas colaboram nessa percepção, demonstrando as intenções da publicação a partir da seleção das imagens, cores e textos. É a representação de um “mundo possível” onde a doença é sinônimo de morte certa, já que, num curto período de prazo, o salto nos números é exponencial.

O recorte pelas capas também se deve por ser esse o primeiro ponto de contato entre publicação e o leitor. Ela está exposta em bancas de jornais, nas mãos dos vendedores de rua e, além disso, são veiculadas na Internet, permitindo então que sua leitura se expanda para diversos públicos distintos. A capa é o ponto de entrada e, por sua liberdade gráfica, também é nela que se sincretizam maior parte dos discursos a serem encontrados no interior das publicações impressas.

2. A pandemia como ponto de partida do deslocamento da imprensa popular

Nelson Traquina diz que “onde há morte, há jornalistas” (2011, p.137) numa clara crítica à importância dada pelo jornalista quando o assunto é morte. A chegada do coronavírus ao Brasil já era esperado, dada a sua disseminação nos outros continentes e, por consequência, o número de possíveis mortes estimadas para o país já eram o suficiente para que a mídia se preparasse para uma ampla cobertura acerca da pandemia em território nacional.

Mais especificamente a partir de março, quando os primeiros casos oficialmente detectados foram anunciados, o jornalismo passou a acompanhar, diariamente toda e qualquer ação política relacionada a contenção do vírus.

Desta forma, era de se esperar que boa parte da imprensa voltasse sua atenção para o coronavírus e quais os preparativos adotados pelo país para lidar com a crise sanitária. E, assim, a pandemia naturalmente já figuraria na capa dos impressos, por ser uma página elaborada para fisgar a atenção do leitor e leva-lo ao ato de comprar e abrir o exemplar em mãos para consumir seus conteúdos noticiosos.

Os discursos preparados para a capa são os que mais nos permitem compreender como os jornais estão tratando os assuntos do dia. Na escolha da manchete e das imagens ou fotografias que acompanharão os textos devem tanto cumprir as expectativas de seu leitor em potencial como sintetizar a leitura de mundo da publicação a ser retratada em notícias e reportagens de páginas internas.

Há autores como SILVA (2007), LAREQUI (1994) ou GARCIA (1990) que se colocam a discutir a importância de uma boa formatação da primeira página de um jornal. Apesar de haver diferentes visões sobre como uma capa deve ser construída, os autores concordam que no Ocidente a leitura se dá da esquerda para a direita e de cima para baixo, alterando o caminho dos olhos de acordo com demais elementos que são dispostos na primeira página que estarão após esse “ponto de entrada” no canto superior esquerdo da página.

Compete aos editores traçarem seus esforços para chamar a atenção para o que deve ser primário e secundário numa página de jornal de modo a garantir a completa saciedade visual do leitor: “A organização dos estímulos é uma das condicionantes do tempo durante o qual a atenção do observador é mobilizada. Só depois de atingir a saciedade perceptiva é que o sujeito vai atender a novos focos onde possa buscar novas informações”. (SOUSA, 2002, p.84)

A escolha pelo jornal Extra para fins de análise encontra-se com a classificação de AMARAL (2006) como jornalismo popular, antes conhecidos como jornais sensacionalistas. Apesar de manter grande parte da semelhança com seus predecessores, há um ponto importante a ser destacado: entre as principais características que diferenciam o jornal sensacionalista do passado para os jornais populares da atualidade está a busca pela credibilidade junto a seus leitores. Se, antes, era comum a invenção de notícias e histórias apenas para vender exemplares,

colocando a publicação sensacionalista como mentirosa, os jornais populares hoje se preocupam em serem bem vistos por quem os consome.

Outro ponto importante a ser destacado é que a imprensa popular traz diferenças significativas com a imprensa chamada de "referência". Essa categorização é atribuída a órgãos noticiosos que se ocupam especialmente com notícias de grande impacto para nação e, preferencialmente, ocupam suas manchetes principais com noticiário econômico ou político. São exemplos desse segmento publicações como Folha de S.Paulo, O Globo, O Estado de S.Paulo, Zero Hora (RS), entre outros.

Para pontuar essa diferenciação, partimos da comparação elaborada por AMARAL (2006) acerca dos critérios de noticiabilidade para cada um desses segmentos. Nota-se, como explicitado na Tabela 1 a seguir, que há um distanciamento inicial entre os interesses primordiais para cada um desses segmentos.

Esse é um ponto importante a ser observado, já que foi num dos momentos mais críticos da Pandemia no Brasil em que se observa boa parte dos deslocamentos da imprensa popular:

Valores Notícia	
Jornais de Referência	Jornais Populares
<ul style="list-style-type: none">• Os indivíduos envolvidos forem importantes;• Tiver impacto sobre a nação;• Envolver muitas pessoas;• Gerar importantes desdobramentos;• For relacionado a políticas públicas;• Puder ser divulgado com exclusividade.	<ul style="list-style-type: none">• Possuir capacidade de entretenimento;• For próximo geográfica ou culturalmente do leitor;• Puder ser simplificado;• Tiver identificação dos personagens com os leitores (personalização);• For útil

Tabela 1 – Tabela de valores-notícias segundo Márcia Franz Amaral
Fonte: Reprodução

Enquanto os jornais de referência se ocupam prioritariamente da relevância dos indivíduos envolvidos, impactos com a nação e o maior número de pessoas envolvidas, os jornais populares partem de um princípio inicial da capacidade de

entretenimento, da proximidade geográfica ou cultural do leitor e a capacidade de simplificação do assunto.

As características assumidas pela imprensa popular permitem uma maior liberdade de construção das notícias. Apontamos que há deslocamentos notados nesse período, em que o jornal se ocupa principalmente do noticiário político em determinadas ocasiões, tecendo críticas diretas ao governo federal.

No entanto, há de se considerar que parte dessa construção crítica das publicações se valem efetivamente dessa liberdade construída com os leitores, tanto no quesito gráfico como nos discursos, para a publicação tecer suas críticas em seus discursos. A partir destas constatações recortamos as capas do período analisado em categorias, sendo elas: os rostos da morte; ilustrações da morte e o país da morte.

4. Percurso Metodológico

Durante o ano de 2020, com as medidas de restrições sanitárias adotadas em todo o país, passamos a acompanhar as publicações em jornais para verificar como se daria a cobertura desse momento por parte da imprensa. Dessa forma, a partir do mês de março, quando as primeiras medidas restritivas chegaram ao país, passamos a um acompanhamento diário de publicações espalhadas por todo o país a fim de compreender como o jornalismo daria conta da Pandemia enquanto acontecimento e, tão logo, como seriam retratadas as mortes para os brasileiros.

O recorte específico para o jornal Extra, do Rio de Janeiro, se deu por sua característica de imprensa popular, pertencente ao Grupo Globo e que atende a um segmento de mercado diferente do jornal de referência O Globo. Foram coletadas todas as edições entre março e dezembro de 2020 e, a partir delas, uma análise de conteúdo para verificar inicialmente quais os temas em suas primeiras páginas a fim de compreendermos quais conteúdos relacionados à Pandemia teríamos nessa publicação.

Neste sentido, recorreremos a Laurence Bardin, para quem a análise de conteúdo trata-se de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2011, p. 47).

Importante lembrar, ainda, as três fases pelas quais se dá a análise de conteúdo, que são:



Gráfico 1 - Gráfico adaptado a partir de Bardin (2011)

Ainda no primeiro eixo de testes com o material coletado, selecionamos as primeiras páginas de edições cujo deslocamento de pauta se evidenciou de forma mais clara para os leitores. São edições em que o jornalismo popular adota um tom crítico para os desdobramentos da Pandemia no Brasil, afastando-se inicialmente de seus critérios de noticiabilidade tradicionais.

A partir dessa seleção, passamos para análise dos discursos encontrados nessas capas, tomando como base autores como Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau.

Essa etapa é igualmente importante no sentido de compreender quais são as mensagens presentes no conteúdo da mídia noticiosa, auxiliando na interpretação dos sentidos propostos pelos emissores para seus potenciais receptores. Com a utilização das análises de conteúdo e discurso, podemos observar quais quadros de sentidos propostos pela mídia a partir desses deslocamentos, em que a crítica política passa a ser explícita em suas capas.

4. Deslocamentos do jornal Extra

A cobertura do jornal Extra acerca da Pandemia pode ser marcada em duas fases. A primeira, entre março e junho, o jornal dedicou várias capas e uma ampla cobertura com críticas voltadas para o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, pela condução da pandemia e por seus posicionamentos céticos em relação à doença. Esse período foi mais intenso entre os meses de março, abril, maio e junho. Num segundo momento, de julho até dezembro, o jornal sua rotina de manchetes policiais ou que estão mais ligadas com os problemas locais do Rio de Janeiro e notícias sobre esporte, celebridades e violência em geral. Pelo menos em suas capas, o deslocamento político diminui, voltando a surgir em situações específicas da Pandemia e do governo Bolsonaro, como a interferência na Polícia Federal. Deste segundo período as críticas diminuem, mas ainda ocorrem.

Desta forma, coletamos para o primeiro momento 65 edições em que a Pandemia está em destaque nas capas do Extra, enquanto a segunda fase soma apenas 13 edições³ no enfoque da crítica política associada ao avanço do coronavírus no Brasil.

Essas fases são marcadas por algumas pontuações que merecem destaque, em fases que demonstram o ritmo de cobertura da publicação. Da primeira fase, podemos destacar em especial os meses de março, abril e maio, onde há um maior número de edições em que a publicação se ocupou do tema.

Em março o jornal dedicou 17 capas para o tema Pandemia, com grande parte delas alertando a população sobre o que significa uma pandemia – inclusive com reprodução da definição da palavra a partir de um dicionário – bem como orientações sobre como lidar com esse novo momento enfrentado pelo Rio de Janeiro. Assim, o jornal cumpre um papel educativo, traduzindo o acontecimento para seu nicho de leitores utilizando-se da liberdade do segmento. É o que observamos, por exemplo, nas capas dos dias 12 e 14 de março, como demonstrado na Figura a seguir.

³ Vale aqui uma observação: esses números dizem respeito às críticas direcionadas à condução da Pandemia no Brasil. Há, nesse período, capas sobre a demissão do ex-ministro Sérgio Moro, pedido de impeachment do governador do Rio de Janeiro, Witzel, uma ampla cobertura sobre a morte de negros por violência policial no Rio de Janeiro, bem como deslocamentos a partir de notícias sobre interferências na Polícia Federal. Porém, para fins do presente artigo, recortamos as edições que tratam especificamente da Pandemia.



Figura 1. Capas das edições dos dias 12, 14 e 20 de março de 2020.
Fonte: Reprodução

Esse início da cobertura é esperado e faz parte do processo de compreensão do acontecimento lançado pelo jornal. QUÈRÈ (2005) aponta que todo acontecimento é compreendido a partir de uma anterioridade e o ciclo da doença, que já havia avançado pela Ásia e Europa, não era uma novidade para os brasileiros. No entanto, as mudanças no estilo de vida que viriam, obrigaram o jornalismo a auxiliar na compreensão do momento e dos riscos do coronavírus. O Extra assume esse papel no início e, a partir de 16 de março, começa seu deslocamento de cobertura para o viés político daquele momento.



Figura 2. Capas das edições dos dias 16, 19, 20 e 30 de março de 2020.
Fonte: Reprodução

As quatro capas da Figura 2 demonstram como, a partir daí, o jornal deixa sua característica de se ocupar com entretenimento para focar na questão política. De

forma discreta, ainda no dia 16 de março, um quadro junto à manchete principal traz “Bolsonaro dá péssimo exemplo para o Brasil”, ao lado uma fotografia do ex-presidente, sem máscara, abraçando apoiadores em um evento.

Em seguida, nos dias 19 e 20 de março o tom da crítica sobe: “Passou da hora de abrir os olhos” e “10 mil mortos e Bolsonaro fala em ‘GRIPEZINHA’ já trazem duas capas pôsteres (ou seja, monotemáticas) e um discurso enérgico da publicação contra as atitudes em relação a pandemia. Em ambas edições há o predomínio da cor azul e, somado ao texto, fotografias que demonstram a dificuldade de Bolsonaro com as máscaras. No dia 19, ao tentar colocar a máscara, o presidente cobriu os olhos e o nariz. No dia 20, com uma máscara claramente apertada que aperta o rosto de Bolsonaro contrasta com os caixões dos mortos na Itália. Para encerrar o ciclo, no dia 30 de março, em mais uma capa pôster o jornal aponta os “7 erros” do presidente mesmo com a pandemia já instalada no país.

Nesse momento, percebe-se um deslocamento da postura do jornal. Tradicionalmente, como aponta AMARAL (2008), é comum encontrar no segmento uma cobertura jornalística mais fragilizada, que apela para o entretenimento para atrair os leitores.

Os jornais não abrigam o entretenimento apenas quando abordam temas do âmbito da distração ou do divertimento, mas também quando realizam um jornalismo fragilizado. [...] Assim, o jornalismo borra suas fronteiras com o entretenimento não somente quando prioriza temas irrelevantes ou fúteis, mas, sobretudo, na maneira como trata suas pautas. A notícia se rende ao entretenimento quando é construída a imagem de um leitor desinteressado dos temas públicos ou supostamente destituído da capacidade para compreender o contexto em que vive. (AMARAL, 2008, p.64)

Ao se deslocar para a cobertura política, o Extra deixa de fragilizar a sua cobertura e, mesmo que suas capas ainda tragam um viés de entretenimento – a ponto de ridicularizar o presidente – seus conteúdos são consistentes com o momento e com as cobranças de atitudes necessárias para o então presidente da República.

A publicação prossegue elevando o tom de crítica ao presidente Bolsonaro no mês seguinte, em abril, com outras 21 capas publicadas, como demonstrado na Figura 3:



Figura 3. Capas das edições dos dias 1,7, 11, 20 e 30 de abril de 2020.
Fonte: Reprodução

Os exemplos retirados do mês de abril demonstram claramente a tendência da publicação nas capas praticamente monotemáticas focadas nas ações de Bolsonaro. Na edição do dia 1, popularmente conhecido como o “Dia da Mentira” no Brasil, o jornal vale-se do pronunciamento presidencial da noite anterior para denunciar “distorções” na fala da Organização Mundial da Saúde, caracterizando Bolsonaro de mentiroso para seus leitores. Poucos dias depois, valendo-se do expediente do entretenimento, o jornal resgata o refrão de uma música sertaneja, de autoria de Marília Mendonça, para explicar a tensa relação entre o presidente e o então ministro da saúde, Mandetta: “É uma ciumeira atrás da outra...”, diz o jornal, apontando que o sucesso do ministro em suas declarações sobre as medidas sanitárias teria levado o presidente a cogitar sua exoneração (o que se confirmou ainda naquele mês).

Mesmo que apele para seus recursos estilísticos de linguagem e diagramação, o jornal deixa seu lugar-comum de cobertura para levar o noticiário político-nacional para os leitores, demonstrando a sua mudança de estratégia nesse período. Esse mesmo recurso é encontrado na edição do dia 11 de abril, quando duas imagens – uma do Papa Francisco e outra de Bolsonaro – contrastam na capa, sendo o primeiro com a legenda de “Bom Exemplo” e o segundo de “Mau Exemplo”. É a mesma tônica na edição do dia 20 de abril, com a manchete “Aglomerado de Erros” e, por último, uma das capas mais emblemáticas do mês: “A política do ‘E DAÍ?’”.

Publicada no dia 30 de abril, o Extra retoma uma das frases mais categóricas de Bolsonaro proferidas no dia 28 daquele mesmo mês, quando informado por jornalistas sobre o marco de 5 mil mortes no Brasil. O presidente questionou a informação com a pergunta “E daí”, ironizando a situação ao dizer que não era Coveiro para se preocupar com número de mortos.

O jornal se vale dessa situação para abrir uma cobertura acerca de um protesto ocorrido em Campina Grande (PB), onde trabalhadores do comércio realizavam manifesto para a reabertura das lojas, ajoelhados “implorando” para que voltassem ao trabalho. No entanto, a cobertura dá conta de denúncias desses empregados que teriam sido obrigados a participar do manifesto, o que levou a apurações no Ministério do Trabalho.

O Extra desloca-se totalmente de sua tradição jornalística de lidar prioritariamente com fatos de sua cidade-sede, o Rio de Janeiro, para buscar em um estado nordestino a imagem e o fato que servem de base para a crítica. Em jornais de referência esse é um procedimento já esperado e natural, porém, trata-se de um posicionamento assumido por um jornal popular, que leva a sua base de leitores uma crítica direta à fala do presidente, ilustrando os perigos de se ignorar as medidas sanitárias previstas, até então, nos protocolos internacionais de saúde, ao dizer: “No momento em que enfrentamos uma das maiores crises da nossa geração [...] demonstrações de desprezo pela vida alheia assustam a sociedade e tornam o combate ao vírus ainda mais difícil”. (EXTRA, 2020).

No mês de maio, onde 15 das 30 edições veiculadas mudam a postura do jornal Extra em relação a suas pautas corriqueiras.

Dessas edições, quatro delas se dedicam a cobertura de declarações do ex-ministro da Justiça, Sérgio Moro, sobre interferências diretas de Bolsonaro no comando da Polícia Federal com o intuito de frear investigações que atingiriam ou o presidente ou pessoas próximas a ela. As outras 11 edições tratam a discussão da pandemia.

Do mês de maio, destacamos cinco capas onde o jornal tece críticas acerca da pandemia, sendo elas exibidas na Figura 2:



Figura 4. Capas das edições dos dias 4, 9, 12, 16 e 18 de maio de 2020.
Fonte: Reprodução

A principal pauta dessas capas é a crítica direta ao então presidente em razão de suas atitudes no período inicial da pandemia. Valendo-se da liberdade gráfica do jornalismo popular, a publicação apela para as chamadas “capa pôsteres”, quase que monotemáticas, para questionar diretamente o ex-presidente em relação a suas atitudes.

Podemos notar essa crítica de forma clara, por exemplo, quando a publicação traz fotos de Bolsonaro sem máscara, abraçando crianças e apoiadores, ou mesmo na foto montagem do dia 12 de maio, em que aparece sorrindo ao liberar atividades como serviços essenciais enquanto o ex-ministro da saúde Teich é retratado com o semblante fechado.

Os textos não ficam atrás, e encontramos construções como essas, por exemplo: “No dia em que o Brasil atinge triste marca no número de contaminados por coronavírus, Jair Bolsonaro volta a dar maus exemplos, sem usar máscara...” (EXTRA, 4/5/20); “Qual presidente fez piada e anunciou para hoje um churrasco, quando seu país está perto dos 10 mil mortos por coronavírus? [...] d) Jair Bolsonaro, do Brasil, que chamou a pandemia de ‘gripezinha’ e disse que brasileiro mergulha no esgoto e não pega nada.” (EXTRA, 9/5/2020); “No dia em que o Brasil chegou à marca de 11.519 mortos e governantes apertaram o isolamento, Bolsonaro, mais uma vez, caminhou na contramão.” (EXTRA, 12/05/2020); “Os profissionais de saúde sérios do mundo inteiro advertem: Desrespeitar a ciência faz mal à saúde. Se persistirem os sintomas de irresponsabilidade, médicos competentes devem ser consultados” (EXTRA, 16/05/20); e, por fim, uma das críticas mais emblemáticas do período:

“Aglomeracão acima de tudo [...] o EXTRA desenha o que o presidente ainda não entendeu”. (EXTRA, 18/5/20).

Em todas as ocasiões o jornal se vale de sua liberdade de linguagem, característica do segmento, para direcionar as suas críticas ao presidente, ao passo que, concomitantemente, instrui seus leitores sobre o que não se deve fazer num período pandêmico. Nessa seleçao temporal e cobertura, o jornal parece tentar elucidar a seus leitores a seguinte pergunta apontada como base para o jornalismo: “o que se passa neste momento?” (CHARAUDEAU, 2006, p.133).

A narrativa construída nesse mês de maio tende a, de certa forma, a tratar os atos do ex-presidente como se fosse o de uma criança teimosa e que precisa ser educada. As manchetes, fotos e o fato da publicação se propor a “desenhar” para Bolsonaro como deve se portar em relaçao à pandemia cria uma narrativa para os leitores em que o presidente é tratado como alguém a ser instruído e ensinado, mas que, ao mesmo tempo, traz riscos a todos em suas atitudes e falas, minimizando a doenca.

Na segunda fase de cobertura política sobre a Pandemia, há uma diminuicão considerável do número de edições dedicadas ao tema. Somam, ao todo, 13 edições entre julho e dezembro de 2020.

Desse período, selecionamos cinco exemplos onde a publicação mantém os deslocamentos da primeira fase, sempre atreladas às ações do ex-presidente Bolsonaro;



Figura 5. Capas das edições dos dias 8/7; 21/7; e 17/12 de 2020.
Fonte: Reprodução

As edições dos dias 8 de julho, 21 de julho e 17 de dezembro são bons exemplos desse segundo momento de deslocamento crítico do jornalismo popular. Das edições acima retratadas, o Extra volta a tocar na temática do Coronavírus e usar, em duas ocasiões, Bolsonaro como reflexos de “mau exemplo”. Em julho, ao confirmar seu exame positivo para o vírus, o jornal tece duras críticas ao ex-presidente pelo fato de retirar a máscara em uma coletiva para “provar” que estava bem e não sentia nada de grave.

Na edição do dia 21 de julho, o jornal tensiona uma declaração de Bolsonaro na chegada do período pandêmico no Brasil, onde dizia que a previsão era de haver no máximo 800 mortos no país pela Covid-19 e aponta o número 100 vezes maior do que o estipulado por ele. Essas duas primeiras páginas de julho recorrem ao efeito de “pôster” para criticar o ex-presidente e demonstram para o leitor os posicionamentos do jornal quanto ao modo de agir de Bolsonaro em relação à pandemia.

Já em dezembro, Bolsonaro deixa de ser uma figura central na capa sobre a pandemia para trazer o então ministro da saúde, Passuelo, tecendo críticas à “ansiedade” para a vacina na ocasião da divulgação do Plano Nacional de Vacinação no país.

Nessas três oportunidades o jornal popular deixa de lado suas temáticas naturais para trazer notícias que são de interesse coletivo, mas, principalmente, fazer severas críticas ao governo Federal. Esse papel faz parte, naturalmente, do contrato de leitura dos jornais de referência com seu público alvo, e não se encontram de forma tão sistemática em publicações de estética popular.

A publicação mantém a linha de duras críticas estabelecidas a partir de manchetes, fotos e chamadas em capa e, mesmo com menor intensidade nessa segunda fase de cobertura, as capas ainda assim apontam para o noticiário política com um viés e teor crítico, levando esses quadros de sentido para seus leitores, aproveitando-se de um histórico construído nos primeiros meses da pandemia, onde esse caminho foi percorrido com mais intensidade. É uma reverberação daquele primeiro momento da cobertura que permanece ao longo do ano, mesmo com as manchetes perdendo espaço durante o decorrer do ano, provavelmente, por

estratégias comerciais e pelo próprio fato da população já ter compreendido – em tese – como conviver com os cuidados em relação ao vírus.

Em relação a paleta de cores, em todas edições apresentadas o jornal opta pela presença do preto na capa, seja como cor de fundo ou nas fotografias em contraste com as cores azul e branco. A opção por essa paleta dá indicativos de como a publicação trata a questão da doença do coronavírus, já que, tradicionalmente, é associada à cor do luto no Brasil.

Nessas e em outras oportunidades a publicação mantém essa paleta para tratar de notícias sobre a pandemia, associando as manchetes ao luto ou às ações negativas (e sombrias) dos agentes de estado. A cor, como bem pontua GUIMARÃES (2003) também atua na construção da informação jornalística e, assim, a publicação cria também uma narrativa visual para seus leitores que se repete ao longo de todo o ano de 2020.

4. Considerações Finais

Após a apresentação de alguns exemplos de capas coletadas do jornal Extra no ano de 2020, fica evidenciado que a chegada do novo coronavírus desperta um ponto de virada na cobertura do primeiro semestre. A publicação, que se enquadra historicamente nos quesitos do jornalismo popular, adota o critério de noticiabilidade esperado dos jornais de referência ao adotar um discurso de crítica política em suas capas, demonstrando ser essa uma emergência que afeta a todos, diretamente.

Esse ponto de encontro entre o que se espera do jornalismo de referência e o jornalismo popular resume, de certa forma, a insatisfação com os rumos adotados pelo governo federal no combate à pandemia, denunciando à sua maneira o que podemos chamar de uma política de morte instaurada no país, que é observada por todos os setores da população, apesar do apagamento de outras mortes ocorrida no mesmo período, fruto da violência urbana.

Se a “mídia brasileira” de uma forma geral abriu o devido espaço para mostrar a performance nefasta de Bolsonaro (acerca disso, podemos destacar as

capas de alguns jornais que certamente entrarão para a história do nosso jornalismo), a debatedora cobrava que outros tipos de mortes tivessem a mesma luz midiática. (OLIVEIRA; PORTARI, 2022, p.128)

Os outros tipos de morte ficam num primeiro momento relegados a um segundo plano, com as atenções focadas no novo vírus e nos desdobramentos do combate a ele, somados a declarações e atos polêmicos de quem estava no comando do país.

O jornalismo popular age com veemência nas críticas, cumprindo um papel inesperado para suas temáticas de praxe, dada a emergência em saúde que se abateu no país naquele momento. Em alguns momentos o jornalismo popular adotou tons de crítica até mesmo mais elevados do que os jornais de referência, levando a seu público uma cobertura distinta daquela tradicionalmente esperada no contrato de comunicação “pré-fixado” entre as partes: quem adquire um jornal nesses moldes provavelmente já espera o que encontrar em sua cobertura e, de certa forma, há uma alteração e rompimento dessa expectativa dada a emergência do assunto.

No entanto, não podemos desconsiderar que boa parte desse deslocamento decorre também de posicionamentos tomados pelo jornal a partir de suas escolhas sobre como tratar o assunto, considerando, ainda, que a publicação pertence ao grupo midiático que, à época, se portava de forma declarada como oposição ao governo federal.

Como bem nos recorda Charaudeau (2006), boa parte dessa construção discursiva tem a ver com os quadros selecionados pela publicação:

Assim que abrimos um jornal, ligamos o rádio ou a televisão, todos, qualquer que seja nossa posição social (pedreiros ou intelectuais), aceitamos ocupar o lugar de um espectador-voyeur das desgraças do mundo. É claro que as mídias nos impõem suas escolhas dos acontecimentos. Não é, como dizem, porque elas tornem visível o invisível, mas porque só tornam visível aquele visível que decidiram nos exibir, e esse visível não é necessariamente igual àquele que o cidadão espera ou deseja: agenda midiática, agenda política e agenda cidadã não são as mesmas. (CHARAUDEAU, 2006, p.253)

Apesar do autor apontar para um possível poder de manipulação – no sentido de escolhas acerca do recorte adotado pela mídia – não se pode descartar essas intencionalidades do jornal. Nesse mesmo sentido, o autor aponta que nesse

momento de seleção-construção-tratamento dos fatos, são tecidas relações de analogia ou causalidade entre eles, reforçando os motivos que levam a publicação a tecer essa narrativa, ao longo de todo o ano de 2020 em suas manchetes. Mesmo separadas por dias ou meses, lado a lado, constituem a construção de um cotidiano onde o direcionamento político da pandemia é veementemente criticado e culpas são atribuídas aos atores principais dessas performances que, para o autor, estão no espaço público chamado de “domínio da atividade política”:

...no qual se situam aqueles que participam da cena do poder político, os eleitos e outros representantes acreditados, considerados responsáveis, e que as mídias põem em cena em diversos relatos que descrevem a vida do corpo social do estado, os atos e propósitos dos responsáveis políticos: reproduzindo-os da maneira mais fiel possível ou questionando-os através de sondagens, entrevistas, debates ou analisando-os. (CHARAUDEAU, 2006, p.143-144)

De todas as capas do período, podemos identificar que as críticas se centram principalmente a performance do presidente em minimizar os efeitos da pandemia no período, questionando-o e apontando de forma direta as responsabilidades não assumidas por ele no período, valendo-se, para isso, de toda liberdade discursiva e gráfica que o segmento permite.

Referências

- AMARAL, M. (2006). **Jornalismo Popular**. São Paulo: Editora Contexto.
- AMARAL, M. (2008). **O (des)caminho da notícia rumo ao entretenimento**. Estudos de Jornalismo e Mídia. Ano V – n.1. pp.63-73. Jan/Jun. 2008.
- COLLARO, A. (2007). **Produção Visual e Gráfica**. São Paulo: Summus Editorial.
- CERTEAU, M. (1998). **A invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes
- CHARAUDEAU, P. (2006). **O Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto
- GUIMARAES, L. (2003). **As cores na mídia**. São Paulo: Annablume.
- FRANÇA, V. (2012). **Na mídia, na rua – narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica.
- QUÉRÉ, L. **Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento**. 2005 Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75,2005.
- OLIVEIRA, P. P. de; PORTARI, R. D. L. (2022). **Três ideias sobre a política da morte e uma figura pública**. RuMoRes, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 112-132. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/200395>. Acesso em: 31 jul. 2022.